



Gerson Lodi-Ribeiro

Pátrias de Chuteiras

Título: Pátrias de Chuteiras

Autor: Gerson Lodi-Ribeiro

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: José Saraiva / Jorge Candeias

Publicado originalmente em: Outras Copas, Outros Mundos — Ano-Luz (Brasil) (1998)

Outras publicações:
E-nigma Pro (2002)

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição n.º: NE-6/2003

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

"A SELEÇÃO É A PÁTRIA DE CHUTEIRAS."

[NELSON RODRIGUES, DRAMATURGO E DIPLOMATA BRASILEIRO]

JULHO DE 1986.

JOHN F. KENNEDY MEMORIAL STADIUM - FILADÉLFIA - E.U.A.

FINAL DA DÉCIMA QUINTA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL.

Nascimento transpira em abundância, molhando a camisa branca de linho, embora o calor desse dia ensolarado de verão na Pensilvânia não o incomode tanto assim. O que sentirá quando ouvir os primeiros acordes do hino nacional brasileiro? Quando fitar a bandeira de seu país, agora a seleção adversária, hasteada num mastro deste estádio?

Os titulares e reservas das duas seleções finalistas estão alinhados de pé no centro do gramado do Kennedy Stadium. O público de quase cento e vinte mil pessoas faz silêncio absoluto em respeito aos hinos nacionais que estão prestes a ser executados.

Primeiro vem o hino de Palmares. A bandeira verde com o carcará negro de asas abertas no centro é hasteada lentamente. Nascimento não consegue ver dali, mas sabe que o carcará da Primeira República carrega uma lança, um caule de cana-de-açúcar e uma luneta nas patas cerradas.

Disfarça e olha em volta, examinando as arquibancadas do estádio. Há três torcidas distintas: a palmarina, presente em números expressivos no lado oeste; a pequena e ruidosa torcida brasileira, distribuída nas arquibancadas do extremo leste, e a vasta maioria norte-americana, que os organizadores decidiram colocar no centro, para separar os torcedores palmarinos e brasileiros. A torcida americana deveria ser

francamente favorável a Palmares, até por razões históricas. Afinal, durante a Guerra de Secessão, os carregamentos de armas e munições palmarinas adquiridas pelo Norte foram desembarcadas ali, em pleno porto de Filadélfia. Mas, como Nascimento receava, a derrota humilhante do time da casa ante os palmarinos nas semifinais, e a conseqüente demolição do sonho de disputar sua primeira decisão de Copa do Mundo, havia feito com que muitos americanos presentes no estádio empunhassem bandeiras azuis cobalto do Brasil.

Como cabeças de sua chave, os palmarinos jogaram na Filadélfia desde o início do torneio. A seleção brasileira também foi cabeça-de-chave. Contudo, ao contrário da adversária, jogou no sul dos Estados Unidos desde as oitavas-de-final, pois lá a simpatia pelos brasileiros era maior. Na semifinal Brasil x Alemanha, disputada em Atlanta, a seleção comandada por João Saldanha Filho derrotou a poderosa seleção alemã, despachando para casa os atuais campeões mundiais e francos favoritos para jogar a final contra Palmares. Uma vingança e tanto pela derrota sofrida na final da Copa do Mundo da Espanha, há quatro anos.

Alinhados a seu lado, os jogadores de Palmares vestem os tradicionais calções negros e as camisas verdes-esmeralda com o desenho estilizado de um grande carcará negro emblemado no peito. Já a seleção brasileira vem com seu segundo uniforme, aquele que nos seus tempos de jogador era apelidado de *canarinho* — camisas amarelo-ouro e calções azuis — o justo inverso do uniforme principal.

O hino de Palmares se encerra. Os pupilos de Nascimento relaxam da postura hirta mantida durante a execução do *Primeira Nação Livre da América*. A banda do *U.S. Marine Corps* se prepara para executar o hino brasileiro. Nascimento sente que as atenções dos jogadores de ambas as seleções e das três torcidas se voltam para si.

A bandeira brasileira começa a ser içada no outro mastro. O pavilhão azul cobalto com trinta e duas estrelas amarelas que representam tanto os astros mais brilhantes da constelação do Cruzeiro do Sul quanto os estados e territórios do país. Encimando as estrelas, a frase em letras brancas: “Paz no futuro e glória no passado”. Um retângulo de pano azul pontilhado de ouro que foi ensinado a amar desde menino e que viu hasteado centenas de vezes quando defendeu as cores do Brasil como jogador.

O hino começa. Sente as lágrimas umedecendo os cantos de seus olhos e escorrendo por suas faces. É a primeira vez que isto acontece. “... *defendendo o solo pátrio, do São Francisco ao Chuí*”, Nascimento se surpreende mordendo os lábios para impedir-se de cantar o hino. Num ato reflexo, leva a mão direita ao peito, pousando-a sobre o coração. Fecha os olhos, para não arriscar sequer um olhar para os lados. Tem certeza absoluta de que os seus jogadores, o soba e os outros membros da comissão técnica o estão fuzilando com os olhos neste momento. Desconfia de que, independentemente do resultado da final, seja bem provável que jamais volte a ser o técnico da seleção de Palmares.

“É INCRÍVEL, CAROS HOLOESPECTADORES! NASCIMENTO DOS SANTOS, O ATLETA DO SÉCULO, O MAIOR JOGADOR DE TODOS OS TEMPOS, O ÚNICO BRASILEIRO A VENCER DUAS COPAS DO MUNDO, EM 58 NA SUÉCIA E EM 70 NO MÉXICO, E ATUAL TÉCNICO DA SELEÇÃO DE PALMARES... TODOS VOCÊS NOTARAM QUE, EMBORA TENHA MANTIDO OS LÁBIOS CERRADOS, NO FUNDO DE SUA ALMA O NOSSO NASCIMENTO ESTAVA CANTANDO O HINO DO BRASIL! UMA RESPOSTA À ALTURA PARA TODOS AQUELES QUE O ACUSAVAM DE TER VIRADO A CASACA. NASCIMENTO, O HOMEM DOS 1.400 GOLS, MARCADOS PELA EQUIPE PAULISTA DO CAXIAS F.C. E PELA SELEÇÃO BRASILEIRA! NASCIMENTO...”

Pressiona suavemente a têmpera direita com a extremidade do dedo indicador, desligando o áudio de seu *link*-satélite pessoal com uma das redes brasileiras que cobrem a grande final. Não importa o que faça. No Brasil sempre haverá torcedores que o considerarão um traidor pelo fato de ter aceito o convite para comandar a seleção de Palmares. No que diz respeito à Primeira República, ele acaba de marcar mais um tento no placar da desconfiança que muitos dos hierarcas da velha guarda nutrem contra ele.

Não tem a mínima dúvida de que a exploração desse seu “impulso patriótico” pela mídia palmarina irá dificultar ainda mais o seu tortuoso processo de naturaliza-

ção...

Paciência.

"O BRASIL COMEÇA COM MARQUINHOS NO GOL; MÁRCIO SOARES E TUCÃO FECHANDO A ZAGA; RODRIGUES E LUIZINHO NAS LATERAIS; ZEDUARDO, DOUGLAS E SÓLON NA ARMAÇÃO; E NO ATAQUE, FALCÃO (JÁ RECUPERADO DA CONTUSÃO SOFRIDA NA PRORROGAÇÃO DA PARTIDA CONTRA A ALEMANHA), TICO E ZEQUINHA. NOSSO TÉCNICO É O POPULAR MAJOR JOÃO SALDANHA, FILHO DO FAMOSO TÉCNICO QUE COMANDOU A CAMPANHA DO BI EM 1970.

"A SELEÇÃO DE PALMARES VEM COMPLETA PARA A DECISÃO, COM WIRAPURU, FAROFA E SAMANCO; ARAÇARI E PAULO NHANDU; TEMBA, SHAGGA E LIYONGO DIAS; SAVIMBI, ANGOMA E NGOMO, O ARTILHEIRO DO CERTAME ATÉ AGORA. COMO TODOS SABEM O TÉCNICO DE PALMARES É O GRANDE HERÓI BRASILEIRO DE QUATRO COPAS, NASCIMENTO DOS SANTOS.

"OBSERVAMOS AO HOLOESPECTADOR QUE ESSA É A PRIMEIRA SELEÇÃO DE PALMARES A CONTAR COM UM JOGADOR BRANCO ENTRE OS TITULARES. DIZ-SE QUE LIYONGO DIAS FOI CONVOCADO GRAÇAS À PERSEVERANÇA E AO PRESTÍGIO DE NASCIMENTO NOS ALTOS CÍRCULOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA. EMBORA TENHA CONCORDADO COM A ESCALAÇÃO DE DIAS ENTRE OS TITULARES, A COMISSÃO TÉCNICA ADVERSÁRIA AINDA INSISTE EM AFIRMAR QUE O MEIA-ARMADOR É DE FATO MULATO CLARO E DESCENDENTE LONGÍNQUO DO HERÓI MILITAR PALMARINO, HENRIQUE DIAS... ACREDITE SE QUISER."

Nascimento sorri ao pensar naquela conversa fiada que a Secretaria de Estado inventou e obrigou a comissão técnica a divulgar como condição *sine qua non* para autorizar a convocação de Liyongo...

Pára de achar graça da política de Palmares quando se recorda dos exames de DNA que deverá fazer antes de receber a cidadania plena. As autoridades genéticas da Secretaria de Saúde afirmaram que os exames serviriam apenas para determinar de que tribo africana provieram os seus antepassados, mas Nascimento suspeita de que eles queiram de fato apurar quanto de sangue branco ele possui. Seus amigos brasileiros bem que avisaram que em Palmares a negritude é um assunto sério...

"VAMOS REVER AS CAMPANHAS DAS DUAS SELEÇÕES FINALISTAS, DESDE AS OITAVAS-DE-FINAL. PALMARES FEZ UMA CAMPANHA IMPECÁVEL ATÉ AGORA. ESTREOU NAS OITAVAS-DE-FINAL COM UMA GOLEADA DE 6 X 1 EM CIMA DA SELEÇÃO DE CAMARÕES. EM SEGUIDA, VENCEU O QUÊNIA POR 4 X 2 E O PERU POR 3 X 0, CLASSIFICANDO-SE COMO PRIMEIRA DE SUA CHAVE. NAS QUARTAS-DE-FINAL PALMARES ESMAGOU A SELEÇÃO ARGENTINA POR 4 X 0; UM PLACAR REPETIDO CONTRA OS DONOS DA CASA NAS SEMIFINAIS. UM CURRÍCULO E TANTO, SENHORES HOLOESPECTADORES.

"JÁ O BRASIL ESTREOU COM UM EMPATE SEM GOLS CONTRA A NIGÉRIA. A SEGUIR VEIO UM NOVO EMPATE, DE 2 X 2, COM A RÚSSIA, E A PRIMEIRA VITÓRIA, CONTRA A ESCÓCIA, POR 3 X 1. CLASSIFICANDO-SE EM SEGUNDO DA SUA CHAVE, O BRASIL PASSOU PELA INGLATERRA NAS QUARTAS-DE-FINAL, COM O PLACAR DE 1 X 0. NAS SEMIFINAIS, A NOSSA SELEÇÃO CONQUISTOU UMA VITÓRIA DRAMÁTICA, MONUMENTAL, DE 4 X 3, CONTRA A ALEMANHA, A ATUAL CAMPEÃ MUNDIAL, NA PRORROGAÇÃO DE UMA AUTÊNTICA BATALHA CAMPAL QUE TERMINOU EMPATADA EM 2 X 2 NO TEMPO REGULAMENTAR.

"E AGORA, ESTAMOS AQUI, MEUS SENHORES, PRESTES A TRANSMITIR A GRANDE FINAL. ESTA É A SÉTIMA FINAL PARA AS DUAS SELEÇÕES. TANTO O BRASIL QUANTO PALMARES SÃO BICAMPEÕES MUNDIAIS E OS DOIS PAÍSES JÁ SE SAGRARAM VICE-CAMPEÕES QUATRO VEZES. PORTANTO, O VENCEDOR DA PARTIDA

DESTA TARDE NÃO SERÁ APENAS O CAMPEÃO DA DÉCIMA QUINTA COPA DO MUNDO, TRICAMPEÃO DE FATO, MAS CONQUISTARÁ A POSSE DEFINITIVA DA TAÇA JULES RIMET. UM TROFÉU QUE JÁ FOI TRAZIDO PARA O RIO DE JANEIRO EM 58 E NOVAMENTE EM 70, E QUE TAMBÉM JÁ FOI LEVADA PARA A CERCA DO MACACO EM 42 E 62.

“PALMARES VENCEU SUA PRIMEIRA COPA DO MUNDO JOGANDO EM CASA, EM 42, AO CONTRÁRIO DO NOSSO PAÍS, QUE PERDEU A COPA DE 50 NA FATÍDICA DERROTA POR 3 X 2 PARA O URUGUAI EM 50, NO ENTÃO RECÉM-INAUGURADO ESTÁDIO MÁRIO FILHO.”

—oOo—

O juiz apita o início da partida. Sentado no banco de Palmares, Nascimento observa o primeiro ataque brasileiro. O habilidoso meia Sólon lança entre os defensores de Palmares. O atacante Zequinha recebe livre, dribla o zagueiro Samanco e chuta forte, no ângulo. Nascimento prende a respiração. O goleiro Wirapuru voa para fazer a defesa impossível, espalmando a bola por cima do travessão. As torcidas americana e brasileira ululam irritadas; a palmarina vibra e agita suas bandeiras verde-negras.

Nascimento olha para o lado e vê João Mzambi, o soba da comissão técnica, sorrindo abertamente para ele. Nascimento insistiu desde o início em convocar o tupinambá de mais de dois metros de altura para o gol, apesar das críticas dos dirigentes e dos improperios da imprensa esportiva palmarina. Foi uma decisão acertada. Ao final das eliminatórias, Wirapuru já era considerado por cronistas esportivos internacionais como o melhor do mundo na posição.

O técnico suspira. Talvez ainda lhe reste alguma esperança em Palmares.

O escanteio é bem cobrado. O atacante Tico sobe mais do que seus dois marcadores e testa firme em direção à meta palmarina. A bola roça o travessão e sai pela linha de fundo. Desta vez todos no banco suspiram de alívio.

Wirapuru se prepara para cobrar o tiro de meta.

“ESTA É A TERCEIRA VEZ QUE O BRASIL E PALMARES SE ENFRENTAM NUMA FINAL DE COPA DO MUNDO. EM 58 NA SUÉCIA, VENCEMOS POR 5 X 2, COM TRÊS GOLS DO ENTÃO GAROTO NASCIMENTO. NA SEGUNDA VEZ, QUATRO ANOS MAIS TARDE EM SANTIAGO DO CHILE, COM O REI DO FUTEBOL CONTUNDIDO, PERDEMOS A FINAL POR 3 X 1.

“HOJE, É O ADVERSÁRIO QUE CONTA COM O NASCIMENTO. NÃO COMO O MELHOR JOGADOR DO MUNDO, MAS COMO O TÉCNICO COMPETENTE QUE CONDUZIU A SELEÇÃO DE PALMARES INVICTA NA BRILHANTE CAMPANHA DAS ELIMINATÓRIAS E QUE AGORA...”

Nascimento desativa o *link* outra vez. Não precisa ficar ouvindo essas besteiras de locutor esportivo, enchendo lingüiça quando não tem nada inteligente para falar...

Decorridos sete minutos do primeiro tempo, Ngomo, o grande atacante de Palmares e artilheiro da Copa, recebe um passe cruzado da intermediária pelo pontadireita Savimbi, mata a bola no peito, gira o corpo no interior da meia-lua, enganando o lateral Rodrigues, vira de frente para a meta brasileira, aplica um drible curto e desconcertante no zagueiro Tucão, e avança livre, chutando da marca do pênalti. Marquinhos salta mas não consegue alcançar a bola, que entra rente à trave esquerda, estufando as redes da cidadela brasileira.

Todo o banco se levanta. Nascimento observa o júbilo da torcida palmarina, as bandeiras desfraldadas tremulando, como se milhares de águias negras voegassem sobre o fundo verde de uma floresta no setor reservado aos turistas de Palmares.

— É isso aí, Nasça! Agora quero ver o desespero dos branquelos correndo atrás do prejuízo! — O técnico ouve Mzambi gritar em seu ouvido em palmarino, apesar de menos da metade dos titulares brasileiros serem realmente brancos.

Embora o português seja um dos idiomas oficiais da Primeira República, muitos sobas conservadores ainda insistem em articular exclusivamente o palmarino, sobretudo, suspira Nascimento, quando falam com um brasileiro radicado. Não se importa. Havia recebido um implante de enzimas mnemônicas com os conhecimentos básicos desse idioma há três anos, quando começou a trabalhar com a seleção de Palmares.

Nascimento sorri para o soba e acena em concordância. É sempre bom estar nas graças de João Mzambi. Ouviu dizer que ele é primo de Lorde Mzambi, o soba que exerce há quase vinte anos o cargo de Primeiro-Ministro de Palmares, e também de Paulo Mzambi, o Secretário de Ciências da Primeira República, atualmente em visita aos Estados Unidos.

“Não aos Estados Unidos, Nasça,” Nascimento lembra da correção feita pelo soba da comissão técnica, “mas à sede da Organização das Nações Unidas, onde deverá proferir um discurso de grande importância para o futuro da humanidade.”

Enquanto os jogadores brasileiros correm com a bola para o grande círculo e a nova saída é dada, o técnico lança um olhar divertido a João Mzambi. Para os palmarinos, tudo o que fazem ou dizem é de suma importância para o destino da espécie humana. Nascimento pouco se importa com discursos ou política planetária. O que lhe interessa é que o líder científico de Palmares, um autêntico fanático por futebol, está sentado agora nas tribunas de honra, entre o Presidente dos Estados Unidos e o Secretário-Geral da ONU, tendo o Primeiro-Secretário da Confederação Mundial de Futebol apenas uma ou duas fileiras atrás de si.

Aos trinta e oito do primeiro tempo, a pressão brasileira é constante, mas a seleção de Palmares resiste bem, toca a bola com calma e categoria, e enceta contra-ataques de extremo perigo.

— Este jogo está parecendo com as guerras que travamos no passado contra o seu país, Nasça. — Comenta Mzambi num palmarino fleumático — O Brasil sempre atacando em massa, dando tudo de si, mesmo quando já não tem nada para dar...

— Esperemos, então, — replica Nascimento em português, — que o resultado final seja semelhante ao dessas guerras.

Porque tanto enquanto colônia, quando depois da independência, primeiro como Império e mais tarde, já como República no segundo quartel deste século, o Brasil jamais conquistou uma vitória militar decisiva contra a Confederação de Palmares. Apenas derrotas fragorosas, seguidas por vastas perdas de território, e algumas situações de impasse onde a paz acabou sendo assinada sem que nenhum dos lados obtivesse as vantagens claras que havia almejado no início do conflito.

O soba da comissão técnica abre um sorriso, assentindo com um gesto da cabeça.

Aos quarenta e três minutos e cinquenta segundos, após receber um lançamento em profundidade do meia Sólon, Zequinha invade a área palmarina, dribla o zagueiro Farofa mas tromba com Samanco e cai estendido no gramado. As três torcidas se erguem ululantes. O juiz britânico aponta para a marca do pênalti.

— Ah, não... — suspira Nascimento, levantando-se.

A jogada foi confusa, mas teve a impressão de lance normal. De onde está, pareceu-lhe que Samanco havia entrado na bola.

— Merda! — Exclama Mzambi, também de pé. — Isto é manha desse branque-lo! Ele se atirou sozinho...

Nascimento retira do bolso da camisa um par de óculos escuros. Coloca no rosto e ativa a parte visual de seu *link*-satélite, um item de alta tecnologia cujo emprego civil ainda é privilégio exclusivo dos cidadãos de Palmares. Passa a receber a holotransmissão de sua rede predileta com uma resolução em muito superior à de sua vista desarmada. Observa os jogadores palmarinos cercarem o juiz para reclamar. Samanco gesticula, explicando que não havia cometido falta alguma no atacante brasileiro. Como se a explicação pudesse alterar algo. Em todos os seus anos de futebol, Nascimento jamais viu um juiz voltar atrás na marcação de uma penalidade máxima.

Murmura baixinho: “Vinte segundos.”

Examina a repetição da jogada que culminou na marcação do pênalti em câmera lenta e de vários ângulos. Com o canto dos olhos percebe que Mzambi e vários reservas fazem o mesmo em seus respectivos *links*.

Revê o lance. Zequinha driblando Farofa, deixando o zagueiro para trás na corrida. Samanco se adiantando, fazendo carrinho. Os pés do defensor palmarino tocam primeiro na bola, realizando o corte e, logo a seguir, raspam no tornozelo direito do atacante brasileiro. Esperto, Zequinha se atira ao solo ao se perceber desarmado. Tudo muito rápido. O árbitro estava a cerca de vinte metros do lance e não dispõe de um *link*-satélite...

— Porra, eu não te falei, Nasça? O filho-da-puta do Zequinha se jogou sozinho! Puta-que-o-pariu! De brasileiro a gente não podia esperar outra coisa... — Mzambi

parece prestes a espumar de raiva. Depois cai em si. — Me desculpa, Nasça, eu quis dizer, de *branco* brasileiro.

— Tudo bem. Não foi pênalti mesmo.

Ele encara a atitude de Zequinha com a naturalidade de quem já aplicara esse mesmo golpe diversas vezes em seus tempos de jogador. Se for bem feito dá certo com uma frequência surpreendente.

Falcão coloca a bola na marca de pênalti. Toma distância.

— Esse aí não perde pênalti, meu ganga. — murmura-lhe Bitonga, um reserva que joga com o centroavante brasileiro no Esporte Clube Ganga Zumba, um dos quatro grandes da região metropolitana de Salvador.

— É, tenho visto nos holos... — concorda Nascimento.

O juiz apita, autorizando a cobrança. Falcão corre para a bola e cobra sem afoção, chutando colocado no ângulo direito. Wirapuru salta para o canto correto, ainda consegue tocar a bola com a ponta dos dedos. Mesmo assim, ela acaba parando no fundo das redes.

— Pronto! Voltamos à estaca zero... — O soba da comissão técnica reclama, desanimado

— Calma. — Nascimento tenta consolar. — Temos o segundo tempo inteiro para mudar esta situação.

Menos de um minuto depois da seleção de Palmares ter recomeçado o jogo, o árbitro aponta para o meio de campo, dando por encerrada a primeira etapa da decisão com o placar parcial de 1 x 1.

Nascimento varre o vestiário com o olhar. Todos os jogadores, titulares e reservas, reúnem-se à sua volta para as instruções do intervalo. Observa Mzambi sentar-se cauteloso numa poltrona próxima. O soba equilibra com ambas as mãos um copo atopetado de café fumegante, recém-tirado de uma máquina automática.

O técnico sabe que o dirigente mais jovem não interferirá na sua orientação aos jogadores. Depois de dois anos trabalhando juntos, os dois homens haviam desenvolvido um forte sentimento de respeito mútuo. Há entre eles uma aliança sólida e até mesmo, considera Nascimento, uma amizade sincera, não admitida facilmente por

quaisquer das partes.

— Tudo bem. — Nascimento fala num tom calmo e pausado, que costuma transmitir confiança aos jogadores. — Sei que não foi pênalti. O Zequinha se jogou dentro da área. Mas o juiz marcou, o Falcão cobrou e converteu. Faz parte do jogo. Fim de papo!

— Mas, ganga...

— Samanco, fim de papo!

— Ganga, sim. — Resmungo o zagueiro, mal humorado.

— O negócio é o seguinte: nesta altura, o juiz já viu a repetição da jogada em câmera lenta e confirmou a burrada que cometeu. — O técnico explica com um sorriso maroto. — Até mesmo um juiz sério vai querer normalmente compensar uma injustiça desse tipo. Ele quer compensar, mesmo que não saiba que quer, vocês estão entendendo? Ainda mais esse gringo em especial, que eu já conheço de outros bois-bumbás... Vão por mim, depois do que ele fez, é só se jogar dentro da área sempre que perder a bola que, mais tempo, menos tempo, ele acaba apontando para a cal. — Nascimento faz uma pausa proposital para estudar a reação dos comandados.

— Ganga, sim! — Exclamam os atacantes Ngomo e Angoma ao mesmo tempo, com sorrisos reluzentes em seus rostos negros.

— Não estou pedindo para vocês fazerem nada de ilegal, entendam bem. — Continua Nascimento. — Nada que já não tenha sido feito antes...

— Ganga, sim! — Responde o time inteiro em uníssono. Os titulares olham uns para os outros e para o técnico, sorrindo francamente.

Nascimento sabe que não há preconceito ou discriminação contra ele entre os jogadores. Para seus comandados ele não é negro, cafuzo, índio ou branco, mas simplesmente Nascimento, o maior jogador de futebol de todos os tempos; um ídolo acima do bem e do mal para qualquer futebolista ou peladeiro em ambas as margens do rio São Francisco.

Não possui o mesmo status semidivino ante o pessoal da comissão técnica. Nem mesmo com Mzambi. Tampouco com os outros sobas e hierarcas palmarinos que conheceu nestes três anos de residência, ora em Subupira, em Salvador ou na Cerca Real do Macaco.

Ele é considerado negro no Brasil. Lá haveria a tradicional pátina de preconceito velado contra si, não fosse ele um grande jogador e uma celebridade mundial. As coisas sempre foram diferentes em Palmares: lá muitos o consideram mulato, alegando que ele não é de fato um negro puro. No início de seu trabalho, antes das eliminatórias, muitos cronistas esportivos chegaram a se referir a ele pejorativamente como o “branco Nascimento”, da mesma forma que alguns historiadores palmarinos ainda se referem hoje em dia à famosa personagem histórica da região diamantina das Minas Gerais, figura crucial no tráfico de diamantes daquela região para a Primeira República, como “A Branca Chica da Silva”...

As vitórias da seleção conseguiram calar a boca dos detratores. Antigos desafetos na crônica esportiva de Palmares passaram das ofensas aos elogios desmedidos ao “Rolo Compressor do mago brasileiro”. As charges que apareciam nos jornais começaram a representá-lo com tonalidade de pele cada vez mais escura, bem próxima à real, num sinal flagrante de sua ascensão no conceito popular da Primeira República. Ah, nada como uma série de resultados favoráveis para mudar a opinião da crítica! Depois do êxito da campanha das eliminatórias, todos pareciam venerá-lo como a um novo Jesus Negro de Subupira.

— Quanto ao mais — continua Nascimento —, temos um condicionamento físico superior ao deles. Se por acaso formos para a prorrogação, eles não vão ter a mínima chance. Araçari, aperta a marcação no Zequinha. Os ataques deles estão sendo feitos quase todos pelo seu lado e já vimos que o cara é um perigo.

— Deixa comigo, meu ganga. — Responde o cafuzo que, não obstante o nome nheengatu, descende de uma tribo xavante da fronteira sudoeste com o Brasil. Nascimento observa o ar confiante do lateral, enquanto este torna a atar os longos cabelos negros num rabo-de-cavalo com sua fita colorida de palha trançada.

— Savimbi e Dias, quero ver vocês avançando com a bola até a altura da meia-lua e centrando para dentro da área deles, para o Shagga, o Angoma e o Ngomo acertarem de cabeça, combinado?

— Ganga, sim. — Concordam os dois pontas.

— Bom, é isso aí. Vamos retornar ao gramado, pois temos um caneco pra ganhar. Vamos lá!

Os jogadores sobem as escadas do vestiário. Nascimento nota que Mzambi se aproxima dele por trás dos últimos retardatários em fila diante dos degraus. Ouve o sussurro do soba em seu ouvido.

— Você tem jeito com os garotos, Nasça. Se tudo correr bem, se nós levarmos a Jules Rimet em nossas malas, prometo interceder em seu favor no incidente do hino...

— Tudo bem. — Concorde Nascimento. A patriotada involuntária ante a execução do hino nacional brasileiro é a última das preocupações neste momento.

—oOo—

Cinco minutos do segundo tempo, Brasil no ataque. Sólon lança Tico da intermediária. O atacante recebe, dribla o lateral Paulo Nhandu. O defensor tenta segurar o adversário pela camisa, mas Tico escapa e o juiz respeita a lei da vantagem. Tico invade a meia-lua, bate Farofa na corrida, Zequinha acompanha o lance três metros ao lado do ponta-de-lança e pede o passe, mas Tico chuta direto, no canto esquerdo. Wirapuru voa para fazer a defesa, espalmando para a linha de fundo.

O ponta Douglas cobra o escanteio, chuveirando sobre a área palmarina. Atacantes e defensores sobem juntos, mas a bola alcança o meia brasileiro Zeduardo, um gigante alourado tão alto quanto o arqueiro de Palmares. Zeduardo cabeceia com força, Wirapuru salta mas não alcança a bola, que acaba explodindo no travessão e saindo novamente pela linha de fundo. Tiro de meta.

Nascimento julga a partida bastante equilibrada. A cada ataque palmarino, os brasileiros respondem com um contra-ataque de igual perigo, e vice-versa. Mesmo que não saiam novos gols, as torcidas dificilmente se sentirão entediadas, quer com a qualidade do espetáculo, quer com a garra com que ambas as equipes se entregam à partida.

Cogita a hipótese de uma substituição para tornar a equipe mais ofensiva, mas reconsidera. Ainda não é hora.

"(...) UMA PARTIDA DRAMÁTICA, MEUS HOLO-AMIGOS! É LÁ E CÃ, O TEMPO TODO... BOLA AGORA COM A EQUIPE DE PALMARES,

AVANÇA TEMBA, PASSA PELA LINHA QUE DIVIDE O GRAMADO, TEM SAVIMBI NA PONTA PEDINDO BOLA, TEMBA ESTICA PARA ELE. VEM SAVIMBI, O PONTA ESPERTO DA EQUIPE DE PALMARES. RODRIGUES APERTA NA MARCAÇÃO. VAI RODRIGUES! MAS SAVIMBI PASSA POR ELE, CORRE, AVANÇA PELA INTERMEDIÁRIA BRASILEIRA. TUCÃO VEM PARA O COMBATE. OLHA O ANGOMA E O NGOMO NA ÁREA... PERIGO PARA A META BRASILEIRA! CRUZOU SAVIMBI; MÁRCIO SOARES SOBE PARA CORTAR DE CABEÇA, NÃO ACHA A BOLA; SOBRA PARA ANGOMA, DOMINA A PELOTA, BOTA NO CHÃO, SOZINHO COM MARQUINHOS, VAI MARCAR... CHUTOU NO CANTO... É GOL... GOOOOOOOL DE PALMARES! ANGOMA! NOVE NA CAMISA! ESTÃO DESFRALDADAS AS BANDEIRAS VERDE-NEGRAS... AGORA, NO ESTÁDIO KENNEDY, PALMARES 2... BRASIL, 1! ERAM DECORRIDOS, 18 MINUTOS DA ETAPA COMPLEMENTAR.

"TIVE A IMPRESSÃO DE TER HAVIDO FALHA NA DEFESA BRASILEIRA! VAMOS OUVIR A OPINIÃO DE GÉRSO, O COMENTARISTA QUE O BRASIL CONSAGROU."

Nascimento levanta do banco, como todos os demais. Os reservas se abraçam. Alguns têm os cantos dos olhos úmidos de emoção.

Agora, sim: 2 x 1!

Lembra seu ato falho na execução do hino brasileiro. Tem certeza de que se Palmares se sagrar tricampeão e levar a taça consigo na bagagem, e desta vez para sempre, o deslize será rapidamente perdoado... ao menos na Primeira República.

Mas, e no Brasil?

A Pátria. O país que foi ensinado a amar desde a tenra idade. A terra onde nasceu e foi criado, onde reside a maior parte de seus amigos, de seus valores e onde estão todos os que ama. Brasil esse que, no entanto, abriga ainda hoje a discriminação racial contra os negros, não obstante as boas leis criadas para combater o preconceito.

Também há racismo em Palmares, só que invertido em favor dos negros. Estes são tidos como superiores na Primeira República, embora a constituição da Confede-

ração afirme que o país é uma democracia racial e alguns índios, cafuzos e até mulatos de fato ocupem cargos políticos importantes no primeiro escalão do governo. Sabe que para muitos palmarinos conservadores ele não é negro, mas simplesmente mulato. E mesmo os que, numa concessão magnânima, admitem sua negritude absoluta, torcem o nariz por ele não possuir uma ascendência banta comprovada.

Mesmo assim, admira a cultura e os valores de Palmares. Graças aos avanços e às conquistas da Primeira República, nenhuma pessoa esclarecida julga hoje em dia que os negros sejam intrinsecamente inferiores. Os palmarinos conseguiram combater com êxito o colonialismo europeu em pleno coração da África Negra, salvando as nações africanas da miséria e elevando-as ao status de Estados modernos com seus programas de auxílio econômico mais do que generosos. Além disso, como alguém poderia deixar de admirar um povo que, independentemente de suas motivações políticas, compartilhou muitas de suas descobertas científicas com todas as outras democracias do planeta?

Desde garoto, Nascimento sempre torceu pelo Brasil, é óbvio. No futebol e em tudo mais. Afinal, é a sua pátria. Mas também sempre torceu por Palmares. Porque seus pais o educaram com a consciência de que o mundo seria um lugar muito pior para os negros, caso os palmarinos não se houvessem aliado aos holandeses do Príncipe Nassau ainda no século XVII para expulsar os luso-brasileiros do nordeste do Brasil.

Olha para o meio do campo. Os brasileiros dão nova saída e partem para o ataque.

"(...) TRINTA E CINCO DO SEGUNDO TEMPO. VAMOS LÁ BRASIL! VAMOS LÁ QUE AINDA DÁ PARA EMPATAR ESTE JOGO! O EMPATE LEVA A PARTIDA PARA A PRORROGAÇÃO. BOLA COM O BRASIL. RODRIGUES ESTICA PARA ZEDUARDO, ESSE ABRE PARA SÓLON. ELE PÁRA, OLHA PARA O LADO, TODO MUNDO MARCADO. SÓLON AVANÇA, BATE ARAÇARI NA CORRIDA, DRIBLA NHANDU E... OPA! É DERRUBADO POR TRÁS! É FALTA! FALTA PRA CARTÃO!

GÉRSON?"

"DE FATO, CAMARGO. O PAULO NHANDU BATEU POR TRÁS, SEM BOLA, NO SÓLON, QUE CONTINUA CAÍDO NO GRAMADO. FALTA PARA CARTÃO, CAMARGO, SEM DÚVIDA. E OLHEM BEM, SE VIER CARTÃO, O JUIZ VAI TER QUE DAR O VERMELHO, PORQUE O NHANDU JÁ FOI ADVERTIDO COM O CARTÃO AMARELO NO PRIMEIRO TEMPO. OLHA LÁ, O JUIZ SE APROXIMA DO LANCE. BOLA CONTIGO, CAMARGO."

"OBRIGADO, GÉRSON. O ÁRBITRO INGLÊS FALA COM PAULO NHANDU, METE A MÃO NO BOLSO, VAI TIRAR O CARTÃO... VERMELHO! EXPULSO PAULO NHANDU, O NÚMERO 5 DA SELEÇÃO DE PALMARES. E AGORA, GÉRSON, VOCÊ ACHA QUE VAI SER MAIS DIFÍCIL PARA OS PALMARINOS SEGURAREM ESSA VANTAGEM NO PLACAR COM UM HOMEM A MENOS EM CAMPO?"

"CERTAMENTE, CAMARGO. É SEMPRE..."

— Merda! — Nascimento murmura entre os dentes, ao desligar mais uma vez o áudio do seu *link* pessoal. — Não havia necessidade alguma do Nhandu ter feito falta...

— Calma, Nasça. Nós vamos agüentar! — Nascimento fita Mzambi. Gostaria de possuir essa confiança inabalável na invencibilidade palmarina. O soba da comissão técnica acrescenta — Vai ser como em todas as guerras que travamos contra o Império do Brasil e, depois, contra os republicanos: não importa quanta pressão brasileira nós soframos, Palmares sempre prevalece no final.

— Gostaria de compartilhar dessa sua certeza. — Nascimento olha para os cinco reservas do banco e comanda — Kanjika, aquecimento. Você vai entrar no lugar do Shagga.

— Ganga, sim. — Responde o zagueiro cafuzo, com um fulgor animado nos olhos.

Nascimento olha para o cronômetro digital no placar eletrônico do estádio. Trinta e oito minutos, vinte e três segundos, fora os descontos. Muito jogo pela frente.

Pouco mais de seis minutos para o final do tempo regulamentar. Um piscar de olhos quando se está perdendo; uma eternidade quando seu time possui a vantagem no marcador. Apreensivo, o técnico observa mais um ataque brasileiro.

Falcão vence Temba na corrida, a bola dispara na frente, o ponta brasileiro galopa numa tentativa desesperada de evitar a saída pela linha de fundo. Consegue enfim dominar a bola quase em cima da linha. Volta-se em direção à meta palmarina, avança dois ou três metros e cruza para dentro da grande área. Zequinha recebe livre e bate de primeira, colocando a bola com categoria na última gaveta de Wirapuru.

O goleiro salta com uma agilidade sobre-humana, estica os braços compridos buscando a bola, conseguindo espalmá-la para escanteio. Inconformada, a torcida brasileira engole em seco o grito de gol prestes a sair da garganta.

“UMA DEFESA MILAGROSA DE WIRAPURU, MINHA GENTE! ESSE GOLEIRO É UM FENÔMENO! UMA AUTÊNTICA MURALHA HUMANA... NÃO É À TOA QUE É CONSIDERADO O MELHOR DO MUNDO...”

“ZEQUINHA SE PREPARA PARA BATER O ESQUINADO. CRUZA PRA ÁREA. TICO DE CABEÇA... WIRAPURU ESPALMA PARA CÔRNER. NOVA COBRANÇA PARA A SELEÇÃO BRASILEIRA. AGORA QUEM SE PREPARA PARA COBRAR É RODRIGUES. O BRASIL INTEIRO NA GRANDE ÁREA DE PALMARES. PRESSÃO TOTAL DO BRASIL SOBRE A DEFESA PALMARINA. VAMOS QUE VAMOS, BRASIL!”

O novo escanteio é cobrado. A bola atinge o peito de Samanco e sai novamente pela linha de fundo, do lado oposto da baliza guarnecida por Wirapuru.

Zequinha ajeita a bola para cobrar o terceiro escanteio seguido. A bola vem alta e numa trajetória de efeito, fechando para dentro do gol. Tico sobe entre os zagueiros adversários e cabeceia forte para o chão. A bola atinge o joelho esquerdo de Kanjika e se desvia, engana o goleiro palmarino e vai parar mansa no fundo das redes.

— Pronto! — Exclama Mzambi. — Os putos empataram! Esse bosta do Kanjika só entrou para fazer gol contra! E agora, Nasça?

Nascimento olha para o cronômetro do seu nanoprocessador de pulso e lê: 41’

38”.

— Nesta altura do campeonato — ele responde —, diante deste empate na última hora, já estou começando a achar que é mais negócio segurar o resultado até a prorrogação, onde o nosso condicionamento físico falará mais alto.

O técnico ouve um zumbido quase imperceptível vindo da direção do soba a seu lado. Mzambi leva a mão direita ao ouvido, levanta do banco, afasta-se dois passos e começa a murmurar algo num palmarino inaudível.

Nascimento sabe que só uma pessoa na Filadélfia ousaria perturbar Mzambi contatando-o em plena final via auricular implantado. Só há presentemente um homem em todo o hemisfério norte com autoridade bastante para tanto. O tal primo famoso do soba da comissão técnica, o Secretário de Ciências Paulo Mzambi.

Não consegue perceber as palavras sussurradas pelo soba, mas o tom é inequivocamente submisso. Boa coisa não deve ser...

Não deu outra.

— Nasça, o Secretário gostaria de dar uma palavrinha com você.

— Tudo bem. — Nascimento apalpa o lóbulo da orelha direita, ativando o seu próprio auricular. Um microfone diminuto implantado na laringe conduz o som de sua voz até o interlocutor sentado nas tribunas de honra. — Boa tarde, excelência.

“Boa tarde, *Ganga* Nascimento. Pode falar em português.” — Nascimento escutou a pronúncia perfeita do Secretário neste idioma. — “Serei muito breve: é de *extrema* importância política que Palmares vença este jogo. Temos que levar a Taça Jules Rimet conosco para casa, o *ganga* está me entendendo?”

— Perfeitamente, excelência.

“Muito bem. Empregue todos os recursos que julgar necessário para conquistar esta vitória na prorrogação, compreendeu? Todos os recursos! É o prestígio da pátria que está em jogo, da mesma pátria à qual o *Ganga* solicitou cidadania plena meses atrás, não é verdade?”

— Exato, excelência. Compreendo perfeitamente nossa situação.

“Estou certo de que compreende. Ao trabalho, então. Desligo.”

Nascimento ouve o zumbido indicativo de comunicação desativada no outro lado da linha. Lembra-se do processo de dupla nacionalidade, cuja decisão ainda está

pendente. Julga bastante significativo que Paulo Mzambi tenha trazido o assunto à baila neste justo momento.

"PALMARES NO ATAQUE. BOLA COM SAVIMBI, ELE CORRE, PASSA POR RODRIGUES, AVANÇA, PODE CRUZAR, MAS NÃO QUER, AVANÇA MAIS; PERIGO PARA O BRASIL; VEM TUCÃO PARA O COMBATE; SAVIMBI PÁRA, AMEAÇA, JOGA A BOLA POR ENTRE AS PERNAS DE TUCÃO, MEUS SENHORES! É PERIGO PARA A META DE MARQUINHOS... SAVIMBI CRUZA; A BOLA É PARA NGOMO, ELE PODE CHUTAR. SOBE LUIZINHO E... DESARMA A JOGADA! NGOMO CAI DENTRO DA ÁREA, MAS NÃO FOI NADA... OS JOGADORES DE PALMARES RECLAMAM E... O JUIZ... O JUIZ MARCA PÊNALTI?! O QUE É QUE É ISTO, MINHA GENTE? NÃO HOVE PÊNALTI NENHUM, SEU JUIZ! O NGOMO CAIU DE MADURO! PENALIDADE MÁXIMA CONTRA O BRASIL, AOS 43 MINUTOS DA ETAPA FINAL! UM ABSURDO! GÉRSON?"

"UMA AUTÊNTICA ROUBALHEIRA, CAMARGO! O ÁRBITRO ESTÁ QUERENDO COMPENSAR O PÊNALTI MARCADO A FAVOR DO BRASIL NO PRIMEIRO TEMPO COM ESTE PRESENTÃO, DADO PARA A SELEÇÃO DE PALMARES A DOIS MINUTOS DO FINAL DO JOGO. ALGUÉM DEVE ESTAR GANHANDO MILHARES DE ZUMBIS COM ISTO, NÉ CAMARGO?"

"PÕE MILHARES DE ZUMBIS NISTO, GÉRSON!"

"QUERIDOS HOLOESPECTADORES AÍ NO BRASIL, A NOSSA SELEÇÃO ENFRENTA UM MOMENTO DRAMÁTICO AQUI NO ESTÁDIO KENNEDY NA FILADÉLFIA. OS JOGADORES BRASILEIROS CERCAM O JUIZ. CARTÃO AMARELO PARA O CAPITÃO SÓLON. DESESPERADO, O TÉCNICO JOÃO SALDANHA FILHO SE ERGUE DO BANCO, XINGA O ÁRBITRO E ESBRAVEJA CONTRA A TORCIDA DE PALMARES QUE JÁ COMEÇA A GRITAR 'É CAMPEÃO!' A COISA TÁ PRETA PARA O BRASIL, MEUS SENHORES. NGOMO SE PREPARA PARA COBRAR. O

ARTILHEIRO NÃO COSTUMA PERDER PÊNALTIS... ”

— Nasça, você é um gênio! — Explode Mzambi satisfeito, dando um tapinha nas costas do homem mais velho. — Você previu que isto podia acontecer. Ngomo seguiu suas instruções e agora a taça é nossa!

— Vamos esperar o juiz apitar o final do jogo antes de comemorar...

O soba dá de ombros sem tirar o sorriso dos lábios.

Nascimento observa o camisa 10 da seleção correr para a bola, tranqüilo. O mesmo número que costumava usar quando defendia as cores da seleção e do Visconde de Caxias. Percebe que o chute vai sair alto e colocado, sem defesa, mesmo que o goleiro consiga saltar no canto certo.

As três torcidas fazem silêncio absoluto.

Ngomo cobra com categoria. O chute sai ao mesmo tempo forte e bem colocado. Marquinhos salta para o lado errado. A bola se dirige para o ângulo.

O olho clínico de Nascimento lhe diz que a trajetória está um pouco alta demais. Mas vai entrar... Tem que entrar!

A bola atinge o lado interno do travessão, de baixo para cima, e ricocheteia para o solo, atingindo o gramado em cima da linha de gol.

Palmarinos e brasileiros correm para a bola, mas esta rola em direção de Marquinhos, que tenta se levantar. Antes que atacantes ou defensores possam atingir a pequena área, o goleiro salta desajeitado sobre a bola, abraçando-se a ela com a paixão de um amante saudoso.

As torcidas urram ululantes. A palmarina grita “Gol!”, enquanto a brasileira e a americana começam a berrar o nome do goleiro do Brasil.

— Merda, merda, merda! — Repete Mzambi com as mãos na cabeça. — Estamos vivendo um pesadelo! Isto não pode estar acontecendo! Ngomo nunca perdeu um pênalti...

Nascimento olha para ele mas não responde ao soba. Seus jogadores cercam o juiz pedindo o gol. O capitão Angoma aponta para o grande círculo. O árbitro faz que não com o indicador. Consulta o bandeirinha. Este aponta para a meta de Marquinhos. O árbitro reitera a decisão, deixando palmarinos inconformados e brasileiros

jubilosos.

Finalmente, o juiz dispersa o tumulto distribuindo cartões amarelos para Angoma e Liyongo Dias, consulta o seu cronômetro e apita, ordenando que a bola, ainda com Marquinhos, fosse reposta em jogo.

— Tudo bem, — fala Nascimento, mais para si mesmo do que para o soba a seu lado, — na prorrogação a gente leva o caneco.

— Acho bom mesmo! — Responde Mzambi.

“... QUARENTA E SETE DA ETAPA FINAL, DOIS MINUTOS ALÉM DO TEMPO REGULAMENTAR, 2 X 2 NO PLACAR DO ESTÁDIO KENNEDY. PALMARES NO ATAQUE. SAVIMBI ARRANCA PELA PONTA, RODRIGUES VEM PARA O COMBATE, SAVIMBI PASSA PELO LATERAL, AVANÇA COM PERIGO PELA INTERMEDIÁRIA BRASILEIRA, TOCA PARA DIAS PELO MEIO, DIAS MATA NO PEITO, PÁRA A BOLA, TEM NGOMO LIVRE NA MEIA-LUA. LANÇA PARA O ARTILHEIRO, NGOMO CONTROLA A PELOTA, DRIBLA TUCÃO, BATE NO CANTO... MARQUINHOS! É CÓRNER! UMA DEFESA ESPETACULAR DE MARQUINHOS ESPALMANDO PARA A LINHA DE FUNDO. CHEIO DE MORAL, O GOLEIRÃO DO BRASIL. TIRO DE CANTO PARA A SELEÇÃO DE PALMARES. E O BRASIL VAI SUPORTANDO COMO PODE ESSA PRESSÃO TREMENDA DAS FERAS DO NASCIMENTO... UMA BARRA, NÃO É, GÉRSÓN?”

“EXATO, CAMARGO. O GRANDE NEGÓCIO AGORA PARA AS DUAS EQUIPES É NÃO ARRISCAR E LEVAR A PARTIDA PARA A PRORROGAÇÃO.”

Nascimento gesticula para o time ir todo para o ataque. Atacantes e defensores palmarinos estão dentro da área brasileira, esperando que Savimbi efetue a cobrança do escanteio. Todos os brasileiros se comprimem na marcação dos adversários. Até os atacantes brasileiros circulam na grande área e na meia-lua, auxiliando o trabalho da defesa.

Somente o zagueiro Farofa permanece no grande círculo e, é lógico, Wirapuru, afastado de sua meta, esfregando as grandes mãos enluvadas uma contra a outra, num gesto característico, em plena meia-lua do seu campo de defesa.

Savimbi cobra curto para Liyongo Dias e corre para a linha lateral da grande área. Dias devolve para Savimbi, iludindo a marcação de Rodrigues. Savimbi domina e cruza para a meia-lua. A bola vai descendo na medida para Angoma, mas o atacante está de costas para a meta brasileira. A marcação apertada; não há tempo para se virar. Então, num lance de gênio, Angoma dá uma meia bicicleta, acertando um tiro de canhota e mandando a bola na última gaveta de Marquinhos. Bem colocado, o arqueiro brasileiro sobe e agarra, descendo com a bola encaixada no peito.

A grande jogada do centroavante palmarino faz Nascimento lembrar uma outra parecida, na final da Libertadores de 1969, quando marcou de bicicleta o gol da vitória do Visconde de Caxias sobre a equipe holandesa do Nassau de Recife.

O técnico observa o goleiro adversário repor a bola em jogo com um chute para a frente. Ela aterrissa em cima do meia Sólon, na altura da intermediária brasileira. Ele mata a bola no chão, avança alguns metros em direção ao campo adversário. Olha em volta, à procura de um companheiro de ataque ao qual pudesse fazer um de seus temíveis lançamentos em profundidade.

Sólon não vê ninguém. É o homem mais avançado de uma equipe acuada na defesa. Então, ainda correndo com a bola, já quase na altura da linha de meio-campo, repara na posição avançada de Wirapuru.

Sem alternativa de jogada, o armador brasileiro chuta do interior do grande círculo, ainda em seu próprio campo. A bola sobe, o estádio se queda em silêncio para observar a trajetória.

Nascimento berra, mas o grito sai rouco. Mzambi se levanta, boquiaberto, sem acreditar no que está presenciando.

Wirapuru olha para o alto, vê a bola se aproximando, abre a boca, pasmo de espanto, então cerra os punhos, assustado. Volta-se para sua própria meta e inicia uma corrida a passos largos, recuando para o arco desguarnecido.

A bola começa a descer. Passa metros acima da cabeça do goleiro, que dispara em desespero para a pequena área.

Nascimento observa todo o lance como se este transcorresse em câmera lenta.

Wirapuru galopando como um puro-sangue, as passadas largas, os músculos tensos, os tendões do pescoço distendidos, prestes a se romper; a cabeça voltada para trás, tentando encontrar uma bola que já estava muito à sua frente.

A bola chegando ao fim de sua trajetória. Nascimento se lembra do quão bom Sólon costumava ser nos lançamentos em profundidade. E se lembra também da lenda que afirma ser o meia brasileiro capaz de fazer a bola descer sobre um lenço aberto depois de um lançamento de setenta e poucos metros de distância...

A bola aterrissa em cheio na meta de Wirapuru, atingindo o gramado cerca de um palmo antes da linha de gol. A pelota quica para o alto e estufa as redes de Palmares.

O estádio permanece mudo. As torcidas não acreditam no lance que acabaram de presenciar. Os jogadores palmarinos param de correr em direção ao seu próprio campo, muitos colocam as mãos na cabeça, a consternação se encontra expressa nos semblantes de todos.

Os jogadores brasileiros também parecem incrédulos, mas seus olhos brilham de felicidade. Vários deles gritam o nome de Sólon. A torcida brasileira enfim desperta e começa a gritar de forma alucinada, logo acompanhada pela americana: “É campeão! É campeão!”

Nascimento olha para as arquibancadas. Um mar azul se desfralda na torcida brasileira. Um mar azul cobalto brilha com estrelas amarelas em seu interior. Sente um arrepio estranho de emoção dentro de si, um contentamento inoportuno mas muito forte e agradável, como se estivesse satisfeito com a vitória brasileira, praticamente assegurada.

Sempre teve vontade de marcar um gol daqueles. Uma vez, quando jogava pela seleção na Copa do México, quase conseguiu... Quase...

É quase como se estivesse, de algum modo, feliz pelo gol de Sólon. Afinal, foi ele quem descobriu o garoto, então um juvenil no Visconde de Caxias, durante seu primeiro emprego como técnico.

Os brasileiros correm para Sólon, que é abraçado, beijado e erguido do chão por seus companheiros, sendo carregado em triunfo para fora do grande círculo.

Lágrimas molham as faces de vários jogadores brasileiros. A maioria dos palmarinos cerra os maxilares, esforçando-se para não chorar. Quase todos conseguem se controlar, menos Wirapuru que, chorando como criança, retira a bola do fundo das redes, chutando-a em direção ao grande círculo, para que a nova saída pudesse ser dada sem demora.

“UM GOLAÇO! UM GOL DE PLACA! SÓLON, OITO NA CAMISA! SÓLON, O SALVADOR DA PÁTRIA BRASILEIRA. AGORA, NO PLACAR, BRASIL 3, PALMARES 2... FESTA AURI-AZUL NO ESTÁDIO KENNEDY! É O BRASIL A UM FIO DE CABELO DO TRICAMPEONATO MUNDIAL E DA POSSE DEFINITIVA DA TAÇA JULES RIMET. NÃO ADIANTA CHORAR, WIRAPURU! A NÊGA TÁ LÁ DENTRO!”

A saída é dada. Liyongo Dias estica para Angoma, este toca para Ngomo, mas vem Douglas e isola de qualquer maneira pela linha de lado.

Desesperado, Temba corre para pegar a bola. Cobra o lateral. A bola cai nos pés de Savimbi, ele arranca, passa por Rodrigues, mas Luizinho aperta na marcação, estoura com o ponta palmarino e a bola acaba saindo. O bandeira dá lateral para o Brasil.

O próprio Luizinho cobra para Zequinha. O ponta avança, passa por Kanjika, atrasa no meio para Falcão, este recua para Sólón. O autor do terceiro gol toca de lado para Tico. O atacante avança. As torcidas brasileira e americana urram de entusiasmo. O árbitro consulta o seu cronômetro. Tico tabela com Zequinha. O ponta passa a bola para Douglas... Nascimento ouve o apito do juiz e o observa apontar com os dois braços em paralelo para o meio do campo.

“TERMINADA A PELEJA! ESTA FOI SEM DÚVIDA A FINAL MAIS DISPUTADA E EMOCIONANTE DE TODAS AS COPAS, MEUS QUERIDOS HOLO-AMIGOS. E AGORA, NÃO TEM MAIS PRA NINGUÉM! AGORA, O BRASIL É TRICAMPEÃO MUNDIAL DE FUTEBOL! FALA VOCÊ,

GÉRSON. ”

“AGORA NÓS PODEMOS GRITAR: É CAMPEÃO! QUEM GRITA POR ÚLTIMO, GRITA MELHOR, MEUS SENHORES!”

— Olha aqui, Nasça, — O tom triste e sincero de Mzambi ecoa nas paredes do vestiário, — sei que você fez o melhor trabalho possível. Sou capaz de testemunhar a teu favor ante o próprio Primeiro Lorde. Esse gol maluco lá do meio da rua foi uma fatalidade... Nem Zumbi o Grande podia ter impedido uma coisa dessas. Mas, depois de conversar com o Secretário, concluí não ser de todo aconselhável o teu pronto regresso a Palmares... pelo menos, não durante as próximas semanas.

Nascimento fita o soba. Tenta não soar irônico ao responder: — Sei...

— É só por uns tempos. Só até a opinião pública e a imprensa esquecerem um pouco o assunto. Olha, o Secretário te ofereceu a residência pessoal dele no Protetorado do Haiti. Você toma o próximo estratosférico para lá, os nossos agentes te buscam no Estratoporto L’Ouverture e te levam para a mansãozinha do Secretário nos subúrbios de Port-au-Prince. Lá você vai poder descansar do estresse dessas últimas semanas, relaxar, comer e dormir direito. E aí, o que você acha?

— Agradeço muitíssimo o convite, João. Mas, sabe como é, nem falar crioulo eu sei.

— Ah, Nasça, isto é bobagem. Esquece o crioulo. O palmarino e o português são os idiomas oficiais do Haiti, como se dá em todos os territórios ultramarinos da Confederação.

Nascimento pensa em si próprio de molho nas águas tépidas do Caribe, curtindo férias mais do que merecidas no vasto balneário em que a rica ilha de Hispaniola se tornou desde o início do século para os turistas abastados de Palmares e dos Estados Unidos. Um sonho de consumo quase inatingível para a grande maioria dos brasileiros... Seria ótimo poder se afastar um pouco das pressões do cargo de técnico da seleção de Palmares, das críticas da imprensa e dos seus detratores prediletos. Com a derrota, eles terão um prato cheio! No entanto, jamais se sentiu confortável com a idéia de “correr do pau”. Tanto no futebol quanto na vida, aquele nunca foi o seu estilo...

— Um instante. — Nascimento fala ao ouvir o zumbido de chamada do seu auricular. Faz um gesto de desculpas ao soba, dando a entender que irá aceitar a ligação.

Deve ser o próprio Secretário de Ciências Paulo Mzambi.

— Pronto. Nascimento.

— Era o Secretário, não era? Pelo que ouvi, você acabou por aceitar o convite para passar uma temporada de férias em Port-au-Prince.

— Era o Secretário. Mas não o teu primo. Era Hans Neeskins, o Primeiro-Secretário da CMF...

— Ué? O que é que ele queria contigo?

— Fazer um convite. Disse que pretendia deixar para daqui a uns dois meses, mas que, diante das circunstâncias, decidiu antecipar. Quer que eu assuma o comando permanente da seleção da América do Sul e comece a treiná-la a partir da semana que vem para o Intercontinental de 88 em Lisboa.

— Porra, Nasça! E você aceitou! E nós? E o nosso trabalho? Daqui a dois anos teremos as Olimpíadas e a Copa América de Seleções...

— Aceitei, sim. E não adianta discutir. Herr Doktor já acertou direto com o Secretário de Ciências. Estou liberado. É definitivo, João. E quanto à seleção, tenho confiança de que você se encontra plenamente qualificado para dar prosseguimento ao nosso bom trabalho...

Como poderia sequer cogitar a recusa?

Sente-se inteiramente empolgado com a idéia de comandar aquele que já imagina como o melhor time de futebol de todos os tempos. Uma seleção que contará ao mesmo tempo com Wirapuru no gol; o uruguaio López e Van Helsing, o holandês de Recife, na zaga; Sólon e o argentino Dieguez na armação; e Falcão, Angoma, Ngomo e Zequinha no ataque...

Meu Bom Jesus de Subupira! Não vai ter para ninguém! Já pode até visualizar o Sólon acertando aqueles lançamentos em profundidade de setenta metros nos pés do Angoma ou na cabeça do Ngomo... Deus do Céu! Chega a ter pena do goleiro e dos beques adversários...

BRASIL 3 – MARQUINHOS, MÁRCIO SOARES, TUCÃO, RODRIGUES, LUIZINHO, ZEDUARDO, DOUGLAS, SÓLON, FALCÃO, TICO E ZEQUINHA. TÉCNICO: JOÃO SALDANHA FILHO.

PALMARES 2 – WIRAPURU, FAROFA, SAMANCO, ARAÇARI, PAULO NHANDU, TEMBA, SHAGGA (KANJIKI), SAVIMBI, LIYONGO DIAS, ANGOMA E NGOMO. TÉCNICO: NASCIMENTO DOS SANTOS.

GOLS – 1º TEMPO: NGOMO (7'); FALCÃO (45') [PÊNALTI]. 2º TEMPO: ANGOMA (18'); TICO (41') E SÓLON (48').

JUIZ: CHRISTOPHER PRIEST (INGLATERRA)

CARTÕES AMARELOS: SAMANCO; PAULO NHANDU; ANGOMA E LIYONGO DIAS (PALMARES); TUCÃO; RODRIGUES E SÓLON (BRASIL).

CARTÃO VERMELHO: PAULO NHANDU.

Copas do Mundo Alternativas

<u>ano:</u>	<u>país-sede:</u>	<u>campeão:</u>	<u>vice-campeão:</u>
1930	Uruguai	Uruguai	Argentina
1934	Itália	Itália	Palmares
1938	França	Itália	Brasil
1942	Palmares	Palmares	Itália
1946	Alemanha	Alemanha	Palmares
1950	Brasil	Uruguai	Brasil
1954	Suça	Hungria	Alemanha
1958	Suécia	Brasil	Palmares
1962	Chile	Palmares	Brasil
1966	Inglaterra	Inglaterra	Palmares
1970	México	Brasil	Itália
1974	Rússia	Holanda	Rússia
1978	Argentina	Argentina	Holanda
1982	Espanha	Alemanha	Brasil
1986	E.U.A.	Brasil [*]	Palmares
1990	Japão	Alemanha	Argentina
1994	Portugal	Brasil	Noruega
1998	Quênia	Palmares	Nigéria

[*] Conquista definitiva da Taça Jules Rimet pelo **Brasil**.

O Autor fala sobre a obra

Pátrias de Chuteiras é uma noveleta sobre futebol.

Como é? Não é história alternativa? Sim, também é. Mas, antes de tudo, é a história de uma partida de futebol. No caso, a final de uma Copa do Mundo.

A proposta era escrever um trabalho de ficção que fundisse o assunto futebol aos temas típicos da fantasia, do horror, da ficção científica ou da história alternativa. Caso aprovado, o trabalho integraria a antologia temática que a Editora Ano-Luz estava organizando no início de 1998, a *Outras Copas, Outros Mundos*. Neste sentido, *Pátrias de Chuteiras* é o trabalho mais fiel ao propósito precípua da antologia, pois toda a ação da noveleta se passa dentro de um estádio de futebol. No fundo, a noveleta mostra o que acontece durante essa partida, intercalando à trama futebolística em si, o dilema do técnico de uma das seleções, dividido entre dois sentimentos de lealdade antagônicos: o patriotismo que nutre pelo Brasil e a vontade de defender os interesses da raça negra, discriminada no Brasil e discriminadora em Palmares.

Isto posto, é de todo provável que o leitor pouco afeito ao "rude esporte bretão" não se entusiasme muito com *Pátrias de Chuteiras*. Paciência. Em minha defesa, só posso apresentar a alegação de que, assim como a ficção científica não se limita a robôs, naves estelares e pistolas-laser, a história alternativa não se limita aos grandes efeitos de decisões militares, que mudam o curso de batalhas decisivas e, portanto, da história como conhecemos.

Em termos de história alternativa, *Pátrias de Chuteiras* insere-se na linha histórica dos Três Brasis, em tudo idêntica à nossa até 1647, ano em que Maurício de Nassau decide regressar ao nordeste brasileiro para reassumir o governo de Nova Holanda. Nassau estabelece uma aliança com a Confederação de Palmares. Juntas, Nova Holanda e Palmares, conseguem derrotar a Coroa Portuguesa e, como resultado, Palmares torna-se a primeira nação independente da América, cerca de um século antes dos Estados Unidos.

É provável que alguns de vocês já conheçam esta linha histórica alternativa, da leitura das noveletas *O Vampiro de Nova Holanda* e *Assessor Para Assuntos Fúnebres*. A maior diferença é que, ao contrário daqueles trabalhos, em *Pátrias de Chuteiras* o filho-da-noite que atende pela alcunha de Dentes Compridos não dá o ar de sua graça.

A noveleta é o que os estudiosos do gênero da história alternativa — ou ficção alternativa, como preferem alguns — costumam designar como "presente alternativo", ou seja, uma história cuja ação se passa nos dias de hoje, ou bem próximo disso. A decisão da Copa do Mundo dos Estados Unidos se dá em 1986, o ano da passagem do cometa de Halley, e também o ano em que os cientistas de Palmares divulgam para o mundo uma descoberta que mudará os rumos da civilização... Contudo, nada disso é importante para a história da partida. O drama do técnico Nascimento dos Santos me foi inspirado pelo jogador e técnico Didi.

Para quem não sabe, esse jogador eminentemente técnico foi um dos heróis da vitória da seleção brasileira no Mundial de 1958 na Suécia. Mais tarde, Didi tornou-se técnico da seleção peruana, conseguindo classificá-la para a Copa do Mundo do México, em 1970. Por ironia do destino, as seleções brasileira e peruana se enfrentaram nas quartas-de-final. Antes da partida, discutiu-se muito no Brasil (e provavelmente, também no Peru), como o técnico brasileiro da seleção peruana se comportaria. Ele cantaria o hino nacional brasileiro? Colocaria a mão no peito durante sua execução? E durante a partida em si? Torceria pelo Brasil? Ou pelo Peru?

A ficção exagera a realidade. Em *Pátrias de Chuteiras*, o negro brasileiro Nascimento dos Santos, considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos, torna-se técnico da seleção palmarina. Só que Palmares e Brasil são os piores inimigos. Ao longo de suas histórias, as duas nações já travaram cerca de uma dezena de guerras e conflitos menores. Conflitos onde Palmares quase sempre se saiu vitorioso; a ponto do território brasileiro nessa linha histórica alternativa ter se reduzido aos estados das regiões sul, sudeste e metade da centro-oeste. Como se isto não bastasse, além deste antagonismo histórico, ambas as seleções já se sagraram campeãs mundiais duas vezes e, pelo regulamento da FIFA, a primeira seleção nacional a se sagrar tricampeã mundial conquistará a posse definitiva da Taça Jules Rimet, um troféu de ouro maciço que, muito mais que seu valor material, trará consigo imenso prestígio político ao país que conseguir levá-lo para casa.

Se mesmo em nossa linha histórica, futebol no Brasil já é coisa séria, na LHA descrita, essa partida se desenrola como autêntica batalha campal - reflexo não só da rivalidade de mais de três séculos entre brasileiros e palmarinos, como do choque entre duas visões de mundo muito diferentes, e de dois ideais de superioridade racial incompatíveis.

Na época em que a antologia *Outras Copas, Outros Mundos* foi publicada, alguns leitores me perguntaram se Nascimento dos Santos seria um "Pelé Alternativo". A resposta é depende. Depende do que se entenda por "Pelé Alternativo".

Em termos estritos, não. É inconcebível imaginar a existência do futebolista Edson Arantes do Nascimento numa LHA que já divergiu da história que conhecemos há mais de três séculos. Não obstante, alguns paralelismos histórico-pessoais que, por capricho, decidi introduzir no enredo.

Em termos genéricos, eu diria que sim. Embora não seja o Pelé, o personagem Nascimento dos Santos foi livremente inspirado nessa grande figura da história esportiva, e foi idealizado como uma homenagem ao Pelé de NLH.

Gerson Lodi-Ribeiro, Março de 2002